

**A HISTORIOGRAFIA DO “MAIOR DESASTRE IMPERIAL”: A DEFASAGEM  
E A RENOVAÇÃO DOS ESTUDOS SOBRE A EXPEDIÇÃO NAVAL  
IMPERIAL AO PARAGUAI DE 1854-5**

Fabiano Barcellos Teixeira\*

**RESUMO:** analisaremos a breve historiografia sobre a expedição naval enviada pelo império do Brasil ao Paraguai em 1854-5. Será destacada a nossa pretensa contribuição aos estudos sobre esse episódio que pode ter relação com o contexto que originou a guerra contra o Paraguai, em 1864-70. As reflexões desenvolvidas pela “renovada história política” nos auxiliaram a produzir nossas considerações sobre a citada temática.<sup>1</sup>

**Palavras-chave:** Império; historiografia; política.

**ABSTRACT:** I analyze the brief history of the naval expedition sent by the empire of Brazil and Paraguay in 1854-5. Emphasis will be our alleged contribution to the studies about this episode that may be related to the context for the war against Paraguay in 1864-70. The reflections developed by the "renewed political history" helped us to produce our consideration of the aforementioned themes.

**Keywords:** empire, history, politics.

*“a missão Pedro Ferreira foi [...] um desastre diplomático”*

[NABUCO, 1897, p. 221]

## **I- Uma história política**

A “história política” é um campo de investigação que muito contribui a produção historiográfica. No século 19, com o positivismo, a história política foi bastante valorizada. No século 20, no entanto, ela entrou em decadência, pois seus métodos e objetos de pesquisa passaram a ser rigorosamente criticados e também desprezados.<sup>2</sup>

Em 1929, na França, a criação dos *Annales* prestigiou uma análise de história que contemplasse o social, o dia-a-dia do homem comum, uma “história total”, que se interligasse com a antropologia, a geografia e a sociologia, ou seja, era o oposto da

---

\* Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo. Bolsista UPF. Professor da rede pública de Passo Fundo. E-mail: [fabianohist@bol.com.br](mailto:fabianohist@bol.com.br)

“tradicional história política”.<sup>3</sup> Nos 1960, com a expansão do marxismo na França e na Inglaterra, o Estado, objeto privilegiado de análise da história política, era considerado apenas um instrumento da classe dominante, sem nenhuma autonomia. Explicava-se que a tradicional história política era incapaz de realizar hipóteses explicativas, que desprezava as multidões e tinha uma porção de defeitos: era elitista, factual e individualista.<sup>4</sup>

Há cerca de duas décadas houve a renovação e o renascimento da história política.<sup>5</sup> As crises constantes das economias [neo]liberais revelaram a importância das decisões políticas nos destinos da sociedade, “a política tem uma existência própria e não é uma simples expressão reflexa da ação estrutural das forças econômicas”.<sup>6</sup>

A própria dinâmica das pesquisas em história política acrescentou a sua renovação e ao seu crescimento, ou seja, houve contatos mais intensos da história política com a ciência política, a sociologia, a linguística e a psicanálise, novos temas passaram a ser discutidos como o processo eleitoral, os partidos políticos e a opinião pública resultando em novas e importantes reflexões, com a inclusão das massas como seu objeto central de análise.<sup>7</sup>

Quando analisado a expedição naval imperial ao Paraguai de 1854-5 percebemos este tema cristalizado pela historiografia como um evento típico da “tradicional história política”, ou seja, um evento isolado, sem nenhuma reflexão, um pequeno e insignificante fato na superfície do real. Tal é sua insignificância que ele está praticamente esquecido, pois, salvo engano, não possui nenhum estudo específico.

Em 10 de dezembro de 1854, enviou-se do Rio de Janeiro ao Paraguai uma poderosa expedição naval para resolver questões diplomáticas. A esquadra, formada por cerca de trinta e cinco navios e entre dois a três mil soldados, pretendia ser importante meio de coerção para impor ao Paraguai a livre navegação do rio Paraguai e para responder as ofensas pretensamente feitas ao Império pelo governo paraguaio que, em 1853, expulsara de Assunção o cônsul imperial Felipe José Pereira Leal.<sup>8</sup>

A esquadra não entrou em combate. Em 20 de fevereiro de 1855, ela chegou e ficou estacionada em Três Bocas, na fronteira da província argentina de Corrientes com o Paraguai. O seu comandante, o chefe-de-esquadra Pedro Ferreira de Oliveira [1801-

60], nomeado ministro plenipotenciário, se dirigiu em um só navio a Assunção para negociar com o governo do Paraguai, conforme recomendava suas instruções.

Em 27 de abril de 1855, após semanas de conferências diplomáticas em Assunção, Pedro Ferreira de Oliveira e Francisco Solano López [1827-70], ministro da guerra e filho do presidente Carlos Antonio López [1790-1862], celebraram tratado de comércio, navegação fluvial e limites territoriais. No entanto, em 1856 os tratados foram rejeitados pelo governo imperial, pois ficara aquém das suas exigências de livre navegação do rio Paraguai.

Creemos que a historiografia pouco debate a respeito da “missão Pedro Ferreira de Oliveira” – nome como foi chamada a expedição pelo parlamento imperial da época – o que contribui para a incompreensão de um importante episódio, talvez, o maior desastre diplomático e militar da história do império do Brasil. Quais seriam os motivos desse esquecimento e/ou de poucos estudos a abordarem?<sup>9</sup>

Refletindo sobre a citada problemática descreveremos alguns estudos que comentam a expedição naval imperial ao Paraguai de 1854-5. Priorizamos as obras que nos pareceram mais representativas, pois as informações utilizadas por esses autores circularam com recorrência nas demais pesquisas sobre o contexto platino anterior a guerra de 1864-70. Em média, a expedição foi analisada em três ou quatro páginas nos trabalhos pesquisados. Primeiramente, abordaremos as obras que disponibilizaram informações da “operação militar” para em seguida analisarmos os estudos que destacaram as consequências da expedição.

## II- A operação militar

Em *Anales diplomático y militar de la guerra del Paraguay*, de 1906, Gregorio Benites [1834-1910], jornalista e ex-diplomata paraguaio, na Alemanha, França e Inglaterra, durante a guerra de 1864-70, transcreveu documentos referentes à diplomacia paraguaia naqueles países e na América do Sul, no contexto anterior e contemporâneo ao citado conflito.<sup>10</sup> A obra, dividida em dois tomos com pouco menos de 500 páginas, se tornou referência documental para o estudo da “guerra da Tríplice Aliança” no Paraguai.

O tomo I, capítulo quatro, do citado livro foi intitulado “*Expedición marítima del Brasil*”. Nele, foram analisadas desde as causas para o envio da expedição naval imperial de 1854 até as negociações desempenhadas pelo diplomata paraguaio José Berges, no Rio de Janeiro, em 1856, quando a expedição naval já retornara ao Império. Gregorio Benites identificou a esquadra imperial com “20 cañoneras de guerra, con 130 piezas de artillería, calibre de a 68 y 32 [...]. Su tripulación se componía de 2161 plazas y 3000 hombres de desembarque, al mando del almirante Pedro Ferreira de Oliveira.”<sup>11</sup>

De modo geral, a historiografia referente à “missão Pedro Ferreira de Oliveira” trabalha com as informações disponibilizadas por Gregório Benites. Elas são reiteradas pelas seguintes obras [por ordem crescente do ano de publicação]: *Guerra del Paraguay: orígenes y causas*, do historiador argentino Ramón Cárcano [1939]; *La Diplomacia Paraguaya de mayo a Cerro-Corá*, do historiador paraguaio Hipólito Sánchez Quell [1955]; *La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas*, do historiador argentino José María Rosa [1964]; *O Expansionismo brasileiro e a formação dos estados na bacia do prata*, do diplomata e historiador brasileiro Luiz Alberto Moniz Bandeira [1985].<sup>12</sup>

Contrapondo aos números registrados por Gregório Benites, lembramos quatro obras, escritas por brasileiros. Em *Diplomacia do Império no rio da Prata*, de 1955, Álvaro Teixeira Soares criticou os números *fantasiosos* levantados por Gregório Benites. Porém, não apresentou novos elementos.<sup>13</sup> Em *A marinha de guerra do Brasil na colônia e no Império*, tentativa de reconstituição histórica, de 1965, o almirante João do Prado Maia informou que o contingente de desembarque da expedição seria de mil homens.<sup>14</sup>

A obra *Genocídio Americano: a guerra do Paraguai*, de 1979, do jornalista Julio José Chiavenatto alcançou enorme sucesso comercial tão logo sua publicação pela editora brasiliense. O autor fez breve análise da expedição de 1855 no segundo capítulo do livro, intitulado “O mais progressista país da América do Sul”; com o inter-título: “diplomacia: um aprendizado inócua”.<sup>15</sup> Ele apresentou poucas informações sobre a expedição imperial “[...] uma forte esquadra, com um exército pronto para o desembarque, armada com cem canhões [...]”.<sup>16</sup>

O autor acrescentou que a esquadra naval teria o acompanhamento de tropas terrestres. Foram também mobilizados soldados no forte de Coimbra, província do Mato Grosso, no centro-oeste do país próximo ao norte do Paraguai, e em São Borja, na província do Rio Grande do sul, ao sul do império do Brasil e próximo ao sul da república do Paraguai.<sup>17</sup>

Por seu turno, a importante obra *Um estadista do Império*: Nabuco de Araújo, de autoria do político abolicionista Joaquim Nabuco de Araújo [1849–1910], teve sua primeira edição em 1897 com mais de mil e quinhentas páginas, dividido em três tomos, resultado de cinco anos de dedicação para a sua produção, quando o autor, monarquista, estava afastado do cenário político nacional. Joaquim Nabuco escreveu a biografia do seu pai, José Thomaz Nabuco de Araújo [1813–78], utilizando vasto material particular, mais de 30 mil documentos, sobretudo cartas, jornais e revistas, coletado nas atividades desempenhadas pelo biografado, no senado, no conselho do Estado e na advocacia.<sup>18</sup> O livro se tornou uma referência para o estudo da política brasileira, em particular ao período do segundo reinado [1840–89], com seguidas reedições.

Ao analisar a referida obra, observamos o capítulo quatro, da edição especial de 1949, com o inter-título “Política exterior” e o item I desse capítulo denomina-se “A missão Pedro Ferreira”.<sup>19</sup> O autor apresentou poucas informações sobre a esquadra: “[...] o governo mandou a Assunção uma esquadra sobre o comando de Pedro Ferreira de Oliveira, que ia como plenipotenciário.”<sup>20</sup> Talvez sua maior contribuição fosse a respeito da repercussão que a expedição teve em seu retorno ao Império, conforme veremos a seguir.

Como vimos, míngua as informações sobre a força de guerra mobilizada pelo Império naquela expedição *diplomática* ao Paraguai. Apenas o nome do almirante, responsável pela operação, Pedro Ferreira de Oliveira, é lembrado quando se analisa a citada operação. Os armamentos e as embarcações são pouco descritos. Embora a esquadra imperial de 1854-5 fosse a mais poderosa força bélica mobilizada contra uma nação soberana nos então mais de 350 anos de história brasileira, ela permanece quase como uma desconhecida. Além das poucas informações a respeito da operação de

guerra, as consequências da expedição ainda são pouco debatidas e, talvez, incompreendidas.

### III- O sentido histórico

Em *Vísperas de la guerra del Paraguay*, de 1954, o historiador paraguaio Efraím Cardozo afirmou que as negociações diplomáticas entre Francisco Solano López e Pedro Ferreira de Oliveira resultaram em uma completa vitória paraguaia. O representante paraguaio concedeu a livre navegação com limitações e condicionada ao ajuste das fronteiras que deveria efetuar-se no prazo de um ano. O referido autor, utilizando escritos de Francisco Solano López, define a questão de fronteiras para o Paraguai como uma questão de independência.

En esta oportunidad se comprobó hasta que punto en el espíritu paraguayo la cuestión de la navegación y de los límites con el Imperio del Brasil era también una cuestión de independencia. Explico así el plenipotenciario paraguayo [...] ‘si el tratado [...] era prontamente ratificado [...], no conseguiría la República ajustar y concluir el límites, sobre un pie razonable y justo, porque habría entregado indiscretamente a una Nación vecina, poderosa y fuerte, sus posiciones de seguridad y defensa y se habría entregado, con las manos atadas a su discreción, sin conservar más que un fantasma de Nación Independiente.’<sup>21</sup>

O historiador argentino Ramón José Cárcano afirmou que Pedro Ferreira de Oliveira foi atacado sem piedade pela imprensa, Conselho de Estado, Câmara e por diversos Ministérios, “El diputado [Francisco] Salles Torres Homem [1812-76] lo fulmina con vigorosa elocuencia. Se pide el envío de una nueva expedición, de mayor fuerza y aptitudes [8 de junho de 1855].”<sup>22</sup>

O citado autor, em duas importantes obras, assinalou a incapacidade diplomática de Pedro Ferreira de Oliveira em oposição às virtudes do negociador Francisco Solano López. Em *Del sitio de Buenos Aires al campo de Cepeda*, de 1921, ele afirmou que “El ministro paraguayo [Francisco Solano López] parece mental e políticamente superior al negociador imperial. Su exposición es exacta, clara y neta; el razonamiento, apoyado por los hechos, es lógico y fuerte [...]”<sup>23</sup>

Em *Guerra del Paraguay: Orígenes y causas*, de 1939, Ramón José Cárcano destacou que o negociador imperial era “hombre sin preparación ni experiencia, con errores y prejuicios sobre cosas y hombres del Río de la Plata. Enviado para imponer por acto de presencia con sus barcos armados, no sabe entender ni aplicar suscribe claras y minuciosas instrucciones.”<sup>24</sup> Semelhante posição teve o historiador José María Rosa: “Francisco Solano era un diplomático de excelentes condiciones, mientras Oliveira un simple almirante sin penetración de los negocios públicos.”<sup>25</sup>

Nas referidas opiniões de Efraím Cardozo e Ramón José Cárcano, as virtudes de negociador de Pedro Ferreira de Oliveira seriam inferiores às de Francisco Solano López. No entanto, o comandante imperial possuía experiência nos assuntos do Prata e em negócios públicos, pois atuara no cerco inglês contra Rosas entre 1845-50 e fora presidente da província do Rio Grande do Sul, em 1851. Embora importante, talvez a comparação do currículo dos negociadores não fosse determinante aos resultados da missão imperial de 1854-5.

Em *Um estadista do Império*, Joaquim Nabuco afirmou que

a missão Pedro Ferreira foi [...] um desastre diplomático. Esse desastre o ministério o reconheceu, recusando ratificar as convenções que ele celebrou, alegando terem sido feitas sem haver ele, primeiro, obtido o livre trânsito do Paraguai, garantido ao Brasil no tratado de 25 de dezembro de 1850.<sup>26</sup>

Em *Genocídio americano*, Julio Chiavenatto avaliou a expedição naval imperial de 1854-5 como o mais importante *incidente* diplomático envolvendo o Império e o Paraguai, antes da grande guerra. Lembramos que “incidente” indica fato secundário que sobrevém a um principal; episódio; desentendimento.<sup>27</sup>

Os resultados da “missão Pedro Ferreira de Oliveira” analisados em *Um estadista do Império* e *Genocídio americano* de “desastre diplomático” e “incidente diplomático” parecem ter cristalizado o avanço da historiografia e influenciado outras obras que se refere a esse tema. As afirmações são reiteradas, ou seguem essa mesma explicação, em *Guerra del Paraguay: orígenes y causas* [1939]; *La Diplomacia Paraguaya* de Mayo a Cerro-Corá [1955]; *La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas* [1964]; *Expansionismo brasileiro* e a formação dos Estados na bacia do Prata [1985].<sup>28</sup>

Em *A marinha de guerra do Brasil na colônia e no Império*, de 1965, o almirante e escritor brasileiro João do Prado Maia [1897–1989] escreveu sobre a evolução da marinha luso-brasileira, sobretudo no período entre 1840-70. O autor também analisou a expedição naval imperial ao Paraguai de 1854-5.<sup>29</sup> Ele afirmou ser

controversas as opiniões sobre o resultado dessa missão. Os tratados, afinal, não foram concluídos, uma vez que o governo imperial não lhes deu sanção. Mas, poderá acusar-se a um chefe militar, apenas afeito aos misteres de sua profissão, não haver conseguido êxito completo em assunto que vinha sendo tratado por diplomatas de carreira e políticos versados em problemas internacionais dessa natureza sem qualquer resultado positivo?<sup>30</sup>

O autor concluiu que

O *principal* objetivo da missão Pedro Ferreira de Oliveira, que era obter satisfação pela ofensa feita ao Brasil, esse foi plenamente obtido, e, ademais, sem o aparato ostensivo da força, o que põe em evidência –e é de justiça ressaltar– as qualidades de diplomata que também possuía o chefe naval.<sup>31</sup> [grifo nosso]

As severas críticas aos resultados da expedição de 1854-5 foram atenuadas em *A marinha de guerra do Brasil na colônia e no Império*. Ao propor que as questões de fronteiras e navegação fluvial não tiveram solução nem quando debatidos por *especialistas* em relações exteriores, João do Prado Maia isenta Pedro Ferreira de Oliveira do insucesso diplomático. O autor não analisa, no entanto, a mal-sucedida estratégia militar usada na expedição.

#### **IV- A nossa reinterpretação**

Pedro Ferreira de Oliveira foi prudente. A esquadra enfrentava enormes dificuldades de deslocamento, com encalhes constantes, e os navios com casco de madeira seriam alvo fácil as defesas paraguaias preparadas ao longo do rio Paraguai. Historicamente, a imagem do comandante e ministro imperial Pedro Ferreira de Oliveira



foi arranhada pelos resultados da expedição de 1854-5. As consequências da expedição, no entanto, parecem mais complexas e merecedoras da nossa atenção.

De modo geral, se incompreende o que representou essa expedição. Um fracasso da ofensiva imperial certamente arriscaria o *status* obtido pelo Império em Monte Caseros, batalha ocorrida em 1852, próxima a Buenos Aires. Por esse combate o Império submeteu a Argentina de Rosas e ficou próximo de obter um muito forte domínio sobre os países platinos e a desejada livre navegação sobre a bacia hidrográfica do rio da Prata, vital aos interesses mercantis do Império no Prata.<sup>32</sup> A política expansionista do Império sobre os países platinos poderia chegar ao fim com o naufrágio da esquadra. Um revés militar na expedição fragilizaria o Império no Prata. Com a inanição da esquadra, o insucesso dela era iminente.

Entretanto, no Império fora criado um clima psicológico favorável à intervenção naval no Paraguai, a qualquer custo, com certeza de vitória imperial. Veja o que escreveu, em 20 de abril de 1855, o periódico carioca *Jornal do Commercio* “sabemos que o material [das baterias paraguaias] é pouco e imperfeito, [as] pessoas [são] despreparadas, teremos perdas sensíveis”.<sup>33</sup>

Em 1854-5, o império do Brasil perdeu a hegemonia no Prata, o Paraguai conseguiu conter a ofensiva imperial, mas, no entanto, o Império conservou sua política expansionista que se desdobrou na guerra de 1864-70. Apoiando-nos nas ideias do comunista italiano Antonio Gramsci [1891-1937] compreendemos por hegemonia a imposição de uma unidade consensual sobre determinada estrutura.<sup>34</sup> No caso que analisamos, para o Império obter a sua hegemonia sobre os países do Prata seria desnecessário destruir Assunção a canhoneiros, contanto que seu potencial bélico fosse inquestionável. O que, como vimos, não ocorreu.

A guerra do Paraguai, ou da Tríplice Aliança, teve início somente em 1864, ano do ataque imperial ao governo *blanco*, do Uruguai, ou seja, quase uma década após a malograda “missão Pedro Ferreira de Oliveira”. No interregno de 1855-64, houve a preparação do governo imperial e do governo paraguaio para a inevitável guerra que fora desenhada com a contenção da ofensiva imperial, em 1855. “Os governos de ambos os países estavam conscientes de que a guerra era iminente [1856].”<sup>35</sup>

Creemos que o relativo *êxito* das tropas imperiais nas batalhas da guerra de 1864-70, combates ocorridos predominantemente no Paraguai, pode ter relação com os equívocos da operação naval de 1854-5, realizadas no citado país. Assim de um possível desastre diplomático a referida expedição pode ser entendida também como um flagrante erro de estratégia bélica, certamente com altos custos ao erário imperial, que, porém, pode ter servido de *aprendizado* aos anseios bélicos do Império em 1864-70. Significou, ainda, o fim da hegemonia imperial no Prata, mas conservou a sua política expansionista sobre os países do cone sul. Em suma, entendemos que a missão significou muito mais um grotesco erro de estratégia de guerra, visto a impropriedade dos armamentos para aquele local, do que um desastre diplomático.

O silêncio da historiografia nacional-patriótica brasileira, rica em volume de produções, resulta do incômodo a um patriota estudar uma ofensiva do seu país, contra uma nação soberana, que teve desfecho desfavorável. Utilizando uma linguagem jurídica poderíamos definir a expedição de 1854-5 como um “crime por motivo fútil”, pois ninguém mobiliza uma operação de guerra para responder a expulsão de um diplomata. A defasagem de estudos apresentada pelas correntes revisionistas sugere que houve dificuldades em encontrar novas fontes sobre aquele contexto, sendo de grande relevância novas pesquisas nos arquivos de ambos os países.<sup>36</sup>

O resgate da “missão Pedro Ferreira de Oliveira” e sua análise como um dos fatores que contribuiu para gerar a fatídica guerra de 1864-70, onde centenas de milhares de pessoas perderam suas vidas, nos parece de grande importância, já que este evento político não ocorreu por si só. A renovação da história política nos mostrou que não há como uma ação política ser isolada e insignificante quando existir ação do homem e de seus interesses.

### Referências Bibliográficas

BENITES, Gregorio. *Anales diplomático y militar de la guerra del Paraguay*. Asunción: Muñoz Hnos, 1906.

CÁRCANO, Ramón José. *Del sitio de Buenos Aires al campo de Cepeda*. Buenos Aires: Cony, 1921.

CÁRCANO, Ramón José. *Guerra del Paraguay: orígenes y causas*. Buenos Aires: Domingo Viau, 1939. [academia nacional da historia argentina e academia argentina de letras].

CARDOZO, Efraím. *Vísperas de la guerra del Paraguay*. Assunção: Carlos Schauman Editor, 1954.

CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 14 ed. [1. ed. 1979] São Paulo: Brasiliense 1982.

Dicionário LAROUSSE da língua portuguesa. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.

DOMÍNGUEZ, César C. *La Guerra contra la Triple Alianza 1864-1870*. Asunción: ABC color. Colección: la grande historia del Paraguay, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 1. 4ª ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006.

*Jornal do Commercio*. 20 de abril de 1855, n. 108.

MAIA, João do Prado. *A marinha de guerra do Brasil na colônia e no Império* tentativa de reconstituição histórica. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1965. [coleção documentos brasileiros, dirigida por Afonso Arinos de Melo Franco]

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O Expansionismo brasileiro e a formação dos estados na bacia do prata*. Rio de Janeiro: Revan; Brasília: UNB, 3. ed.1998 [1. Ed. 1985].

NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império: Nabuco de Araújo*. ed. especial. São Paulo: instituto progresso editorial, 1949. [1. ed. 1897].

QUELL, Hipólito Sánchez. *La Diplomacia paraguaya de mayo a Cerro-Corá*. 3. ed. Buenos Aires: colección Cúpula, KRAFT, 1955.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

ROSA, José María. *La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas*. [1. ed. 1964] Buenos Aires: Punto de Encuentro, 2008.

TEIXEIRA, Fabiano B. A primeira guerra do Paraguai: a expedição naval imperial ao Paraguai de 1854-5. V Simpósio Internacional dos Estados Americanos. *O bicentenário das independências (1810-2010)*. Passo Fundo, 2010. Disponível em: [http://www.upf.br/ppgh/index.php?option=com\\_content&view=article&id=36&Itemid=30](http://www.upf.br/ppgh/index.php?option=com_content&view=article&id=36&Itemid=30)>.

TEIXEIRA, Fabiano B. Comerciantes-informantes sem fronteiras: manuscritos de brasileiros e paraguaios em 1854-5. Passo Fundo: *Semina*, vol. 9, n. 1, 2010. Disponível em: [http://www.upf.br/ppgh/index.php?option=com\\_content&view=article&id=9&Itemid=3](http://www.upf.br/ppgh/index.php?option=com_content&view=article&id=9&Itemid=3)>.

TEIXEIRA SOARES, Álvaro. *Diplomacia do Império no rio da Prata [até 1865]*. Rio de Janeiro: Brandt, 1955.

### Notas

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado a disciplina de “História Política I”, 2011/01, do ppgh da UPF, ministrada pela Dra. Ana Luiza Setti Reckziegel.

<sup>2</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha história”: o retorno da história política. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 265-6.

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> Ibidem.

- <sup>5</sup> Cf. RÉMOND, René. *Uma História presente*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 195-330.
- <sup>6</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. Ob. cit. p. 270.
- <sup>7</sup> Idem. p. 266-7.
- <sup>8</sup> Cf. TEIXEIRA, Fabiano B. “A primeira guerra do Paraguai: a expedição naval imperial ao Paraguai de 1854-5”. V Simpósio Internacional dos Estados Americanos. *O bicentenário das independências (1810-2010)*. Passo Fundo, 2010. Disponível em: [http://www.upf.br/ppgh/index.php?option=com\\_content&view=article&id=36&Itemid=30](http://www.upf.br/ppgh/index.php?option=com_content&view=article&id=36&Itemid=30)>. Acessado em 20 de agosto de 2011.
- <sup>9</sup> *Ibidem*.
- <sup>10</sup> BENITES, Gregorio. *Anales diplomático y militar de la guerra del Paraguay*. Asunción: Muñoz Hnos, 1906.
- <sup>11</sup> Idem. p. 55-9.
- <sup>12</sup> CÁRCANO, Ramón J. *Guerra del Paraguay Orígenes y causas*. Buenos Aires: Domingo Viau, 1939. [academia nacional da historia argentina e academia argentina de letras] p. 194; QUELL, Hipólito Sánchez. *La Diplomacia paraguaya de mayo a Cerro-Corá*. 3. ed. Buenos Aires: colección Cúpula, KRAFT, 1955. p. 111-2; MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O Expansionismo brasileiro e a formação dos estados na bacia do prata*. Rio de Janeiro: Revan; Brasília: UNB, 3. ed.1998 [1. Ed. 1985]. p. 84; ROSA, José María. *La guerra del Paraguay y las montoneras argentinas*. [1. ed. 1964] Buenos Aires: Punto de Encuentro, 2008. p. 39. *Et alii*.
- <sup>13</sup> TEIXEIRA SOARES, Álvaro. *Diplomacia do Império no rio da Prata [até 1865]*. Rio de Janeiro: Brandt, 1955. p. 171.
- <sup>14</sup> MAIA, João do Prado. *A marinha de guerra do Brasil na colônia e no Império tentativa de reconstrução histórica*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1965. [coleção documentos brasileiros, dirigida por Afonso Arinos de Melo Franco] p. 243.
- <sup>15</sup> CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 14 ed. [1. ed. 1979] São Paulo: Brasiliense 1982, p. 38-45.
- <sup>16</sup> *Ibidem*.
- <sup>17</sup> *Ibidem*.
- <sup>18</sup> NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império: Nabuco de Araújo*. ed. especial. São Paulo: instituto progresso editorial, 1949. [1. ed. 1897]. p. VII-VIII [prefácio].
- <sup>19</sup> Idem. p. 220-3.
- <sup>20</sup> Idem. p. 220.
- <sup>21</sup> CARDOZO, Efraim. *Vísperas de la guerra del Paraguay*. Assunção: Carlos Schauman Editor, 1954. p. 75-6.
- <sup>22</sup> CÁRCANO, Ramón José. *Guerra del Paraguay: orígenes y causas*. Buenos Aires: Domingo Viau, 1939. p. 18-9.
- <sup>23</sup> CÁRCANO, Ramón José. *Del sitio de Buenos Aires al campo de Cepeda*. Buenos Aires: Cony, 1921. *Apud* SANCHEZ QUELL, Hipólito. *La Diplomacia paraguaya [...]*. Ob. cit. p. 114.
- <sup>24</sup> CÁRCANO, Ramón J. *Guerra del Paraguay [...]* Ob. cit. p. 196.
- <sup>25</sup> ROSA, José M. *La guerra del Paraguay [...]*. Ob. cit. p. 41.
- <sup>26</sup> NABUCO, Joaquim. *Um estadista [...]*. Ob. cit. p. 221.
- <sup>27</sup> Dicionário LAROUSSE da língua portuguesa. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005. p.429.
- <sup>28</sup> CÁRCANO, Ramón José. *Guerra del Paraguay [...]*. Ob. cit. p. 18-9; QUELL, Hipólito Sánchez. *La Diplomacia [...]*. Ob. cit. p. 111-3; ROSA, José María. *La guerra del Paraguay [...]*. Ob. cit. p.38-41; MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O Expansionismo brasileiro [...]*. Ob. cit. p. 86-7.
- <sup>29</sup> MAIA, João do Prado. *A marinha de guerra do Brasil na colônia e no Império tentativa de reconstrução histórica*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1965. [coleção documentos brasileiros, dirigida por Afonso Arinos de Melo Franco] p. 243-5.
- <sup>30</sup> Idem. p. 244.
- <sup>31</sup> Idem. p. 244-5.
- <sup>32</sup> DOMÍNGUEZ, César C. *La Guerra contra la Triple Alianza 1864-1870*. Asunción: ABC color. Colección: la grande historia del Paraguay, 2010. p. 23.

<sup>32</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O Expansionismo brasileiro [...]*. Ob. cit. p. 83-87.

<sup>33</sup> *Jornal do Commercio*. 20 de abril de 1855, n. 108.

<sup>34</sup> Cf. GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 1. 4ª ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006. p. 103-4.

<sup>35</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O Expansionismo brasileiro [...]*. Ob. cit. p. 86-7.

<sup>36</sup> Cf. TEIXEIRA, Fabiano B. “Comerciantes-informante sem fronteiras: manuscritos de brasileiros e paraguaios em 1854-5”. Passo Fundo: *Semina*, vol. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <  
[http://www.upf.br/ppgh/index.php?option=com\\_content&view=article&id=9&Itemid=3](http://www.upf.br/ppgh/index.php?option=com_content&view=article&id=9&Itemid=3)>. Acessado em 21 de agosto de 2011.